

A Correspondência de Caxias



Marcos da Cunha e Souza*

Resumo: O artigo comenta a correspondência de Caxias e nela identifica diversas facetas da personalidade do Patrono do Exército.

Palavras-chave: Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, Caxias.

No dia 21 de agosto de 1842, Luiz Alves de Lima e Silva escreveu, do campo de batalha de Santa Luzia:

Meu Bem

Contra as tuas ordens estive ontem em um renhido combate que durou de as 8 horas da manhã até as 5 da tarde; os rebeldes tinham 3 vezes mais gente do que eu, porém destrocei-os completamente, tomei-lhes toda a bagagem (...) e 300 prisioneiros, entre eles o Ottoni e muitos chefes dos mais influentes (...). Muito me ajudaram meus manos José e Carlos.”

Foi dessa forma, em termos cheios de ternura, que ele comunicou à esposa a vitória sobre a rebelião que sacudira Minas Gerais. Em um único parágrafo encontramos o amor de um marido, a gratidão de

um irmão e o júbilo de um lutador e de um patriota. Assim é a correspondência de Caxias. Em uma centena de cartas, vários estilos, vários enfoques, mas sempre a luz de uma mente aguçada, presa aos detalhes e extremamente intuitiva quanto ao futuro.

Quando estava Osório, em 1859, pensando em passar para a reserva, Caxias escreveu ao amigo, em tom profético:

Neste momento me acaba de dizer o Sr. Ministro da Guerra, que S.M.I. aprovou ontem a sua Efetividade, pelo que lhe dou os parabéns; (...) Há de se lembrar que uma vez lhe disse – que não havia de morrer sem o ver General. Agora, pode-se reformar quando quiser, mas aconselho que espere ver clarear mais o horizonte oriental e argentino. Quem sabe se ainda teremos de comer algum churrasco juntos...”

* Doutor. Sócio Honorário do IGHMB.

Nas suas linhas, descobrimos um Brasil que ainda não foi bem estudado. Um país que vacilava em seguir unido e aprendia empiricamente a conviver com seus vizinhos de língua espanhola. Surgem então perspectivas surpreendentes, como na carta em que resume um encontro secreto com Bento Gonçalves (11 de setembro de 1844) e revela ligações íntimas entre a Farroupilha e movimentos rebeldes do Uruguai e da Argentina:

Falou-me em primeiro lugar em federação, dizendo-me que [Frutuoso] Rivera estava também propenso a federar o Estado Oriental ao Império, assim como [o governador] Mandariaga o Estado Correntino. Fiz-lhe ver que isso era impossível, e que nenhum desses dois homens tinham poderes dos povos para levar a efeito tais incorporamentos.

Várias cartas fazem referência a soldados farroupilhas lutando contra o governo uruguaio e tentativas rebeldes de indicar Frutuoso Rivera para servir de mediador entre eles e o Império. Tudo isto culminando com a missiva de 19 de novembro de 1844, dirigida ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, que comunica a apreensão do tratado de aliança celebrado entre o General Rivera e os Chefes rebeldes desta Província, o qual tenho a honra de enviar a V. Excia. em próprio original.

Esses relacionamentos na fronteira sul nem sempre eram corretamente interpretados pelo governo brasileiro, o que quase nos levou a uma guerra contra Rosas em 1844, com imprevisíveis reflexos sobre o

Rio Grande. Atento a essa possibilidade, Caxias pôde afirmar, ainda em setembro daquele ano:

Por segunda vez, me tornou a falar em composição um tio de Canabarro que é estancieiro em Alegrete, dizendo-me que por seu sobrinho não era a dúvida, e que ele tinha certeza que se o Governo Imperial declarasse a Guerra a Rosas, Canabarro se uniria infalivelmente ao Império para o bater, e que isso mesmo ele o tinha encarregado de me fazer saber, e que tratasse eu de acabar com o partido de Bento Gonçalves, que com ele podia eu contar, assim como com toda a sua gente.

Ou ainda, quando descreve ao Ministro dos Negócios Estrangeiros um complô inglês para prolongar a Guerra dos Farrapos (5 de março de 1845):

Sei com certeza que, quando o chefe rebelde desta Província Antônio Vicente da Fontoura esteve nessa Corte, em dezembro do ano p.p., foi procurado pelo Secretário do Ministro inglês, Hamilton, o qual (...) lhe disse, da parte de seu Ministro, que dissesse aos seus companheiros que não depusessem as armas, pois que a Inglaterra estava decidida a protegê-los, e que enviaria o armamento e munições de que carecessem, e fingindo Fontoura a isso anuir, instou o mesmo secretário para que ele fosse à casa de Hamilton para ouvi-lo de sua própria boca, o que ele acabava de dizer-lhe. E indo com efeito o mesmo Fontoura à presença do mencionado Ministro, ele lhe

repetiu o mesmo que já lhe tinha dito o seu secretário, procurando nessa ocasião desacreditar a S.M. o I., dizendo que o mesmo Augusto Senhor não era capaz de governar o Brasil, e que sua camarilha era quem dirigia os destinos do país. Fontoura, para o melhor poder ouvir, fingiu com ele concordar (...). Parecendo que semelhante procedimento desse Diplomata não podia ter outro fim mais que crear entrave ao Governo Imperial no momento em que se negociava um tratado com a Inglaterra, julguei não dever deixar de comunicar a V. Excia. este fato para ser tomado na consideração de S. M. o I.

Nos velhos papéis do nosso Pacificador podemos também ver a gênese de suas manobras quando, com grande simplicidade, descreve a solução de cada problema e prevê as possíveis respostas de seus adversários. Em outra carta ao amigo Osório, assim descreveu a futura manobra contra o flanco de Humaitá (4 de abril de 1867):

Tenho projetado fazer um movimento com o grosso do Exército pelo nosso flanco direito, deixando contudo ocupada a linha atual com forças capazes de resistir a qualquer ataque que, entretanto, possam os paraguaios empreender. (...) A razão deste movimento é porque, tendo o inimigo concentrado toda a sua defesa nas matas próximas ao rio Paraguai, fortificando-as consideravelmente, como V. Exa. deve saber, seria um contra-senso irmos fazer-lhe a vontade, procurando-o justamente no único lugar em

que ele nos pode resistir. Daquele modo me parece que López não terá senão duas resoluções a tomar: ou abandonar a sua linha fortificada, e reunir suas forças para nos ir dar uma batalha campal; ou atacar as forças que eu deixar guardando a linha que ocupamos. Se tomar a primeira, saindo ao nosso encontro, terá que abandonar suas trincheiras; então as forças, que aqui ficarem, as poderão tomar com pouco prejuízo. Se, pelo contrário, vier com toda a força atacar a nossa atual linha, nos dará tempo para avançarmos pelo seu flanco esquerdo, e tomar-lhe a retaguarda, antes que possa retirar-se. E mesmo quando ele se julgue tão forte, que nos tente bater em detalhe, será isto para nós de muita vantagem; porque, do primeiro ataque que empreendesse, sairia tão mutilado, que nos seria depois mais fácil aniquilá-lo. Feito este movimento, como exponho, poderá ele se encerrar no seu Humaitá? Não creio que seja tão asno que disso se lembre: porquanto a nossa Esquadra há de ter ordem de subir o rio, mesmo por cima de torpedos, ainda que perca 2 ou 3 navios; e sitiar esta fortificação pelo lado de cima. Em conclusão, suponho que López, ainda que pressinta o nosso movimento, enfraquecido como se acha, tratará de encravar sua artilharia que não puder conduzir, e irá passar o Tebiquary, ou algum rio próximo desse, onde melhor se possa corresponder com a sua capital.

Dias depois, em 22 de abril de 1867, questionado sobre o perigo que poderia haver em dividir sua forças, ponderou:

Vejo o que me diz V. Exa. sobre o meu plano: não duvido que, em geral, não seja bom dividir forças, mas há casos em que é indispensável. Se marcharmos por Pedro Gonzales todos juntos, descobriremos a nossa base de operações até o Passo da Pátria, e perderemos o contacto com a Esquadra, o que não é conveniente. O inimigo não pode, por mais que se apure, apresentar mais de 18 a 19 mil homens em linha de batalha; e isto mesmo se não perder muita gente com o cólera: para fazer frente a essa força, nós temos gente que chega.

E mesmo diante do imprevisível, Caxias encontrava a tranqüilidade para retomar o bom rumo. Como quando a situação interna da Argentina colocou em risco nossas operações no Paraguai, levando-o a escrever em 17 de fevereiro de 1867:

(...) quando eu havia resolvido com Mitre a fazermos juntos um ataque decisivo ao inimigo por todo o mês de março, foi quando apareceu uma revolta na Confederação Argentina, que se ramificou por 4 províncias dela, a qual obrigou esse General a retirar-se para Rosário ou Buenos Aires, levando metade do Exército que aqui tinha, isto é, 4 mil homens das 3 armas. Esta revolta, se não for já sufocada, pode nos envolver em grandes embarços (...). Se Mitre for batido, e a revolução progredir, o que não espero, convirá que V. Exa. por aí se conserve até ter novas ordens minhas; pois, nesse caso, a guerra tem que mudar de face: e quem sabe se serei obrigado a re-

passar o Paraná mesmo no Passo da Pátria, para procurar a nossa fronteira? Em tudo se deve pensar na guerra...

Passar-se-iam dois meses até que ele pudesse escrever aliviado:

Os revoltosos de Mendoza foram completamente batidos pela vanguarda de Paunero (...). Esta notícia veio mudar o mau aspecto que apresentava a Confederação Argentina, e desanimar López, que contava com aquele apoio.

Quantos generais não teriam desanimado, e até desistido, se após tamanha crise fossem obrigados a enfrentar uma sucessão de infortúnios, como aqueles que atingiram nosso Exército em abril e maio de 1867?

Em 25 de abril, o marquês escreveu:

Depois de haver daqui partido o Major Faustino, tem o cólera aumentado consideravelmente, tanto no nosso Exército como no Argentino e na Esquadra; a ponto de já exceder a 2 mil o número de mortos até hoje: e, podendo continuar, é prudente que V. Exa. por ora não se aproxime destes lados (...) até que receba nova ordem minha; porque, no estado em que se acham os Exércitos Aliados, não é possível empreender nada neste momento.

Em 28 de maio prosseguia:

Por aqui nada há de novo, senão uma extraordinária cheia dos rios Paraná e Paraguai, a ponto de se alagarem os de-

pósitos de Itapiru e o acampamento de Curuzu.

Para no dia seguinte, arrematar:

O cólera já acabou aqui, depois de nos matar 4.000 homens...

Em outras ocasiões, Caxias nos permite entrar em sua mente ao examinar com indignação os rumos da guerra e as ocasiões perdidas. Em 12 de agosto de 1866 escreveu:

Não há dúvida, para mim, de que nossas operações foram mal encaminhadas desde o princípio. Se assim como se fez base de operações da Confederação Argentina, se tivesse seguido para Uruguaiana, logo depois do Convênio de 20 de fevereiro, não teríamos passado pela vergonha da invasão do Rio Grande pela fronteira do [rio] Uruguai; e se o Robles tivesse invadido Corrientes pelo Passo dos Livres, deveríamos passar o Uruguai e procurado cortar-lhe a retirada no Paraná. Todo o nosso oiro teria se derramado na sua Província, e não teríamos também passado pela abjecção de sermos comandados por um General Argentino, que, conquanto a sua cabeça lhe diga que nos deve ajudar, em seu proveito, seu coração o obriga a não ter pressa em nos dar a vitória, enquanto temos recursos para nos fazer respeitar em toda a América do Sul. Depois de cometido o primeiro erro, ainda se poderia ter ele remediado, se Mitre, quando saiu da Uruguaiana, pudesse ou quisesse cortar a re-

tirada dos paraguaios no Passo da Pátria, como ele mesmo me disse, na Uruguaiana, que pretendia fazer. Então, se isso se desse, há muito a guerra estaria concluída. Mas, deixar os homens voltar cheios de recursos para o seu covil, são e salvos, foi querer procrastinar a guerra até quando só Deus sabe, pois o terreno não pode ser melhor para a guerra de postos, a qual pode ser feita até pelas mulheres e crianças quando se acabem todos os homens do Paraguai. (...) Enfim, será o que Deus quiser.

Outro traço comum nas cartas é o horror à má política e àqueles burocratas a quem apelidava de “casacas”. Em 17 de fevereiro de 1867 escreveu:

Estes senhores, que ficam em suas casas, esperando as notícias do que nós outros fazemos na campanha, julgam que tudo é fácil, e que a guerra pode ser feita sem gente, sem dinheiro, sem armamento e sem fardamento. (...) Assim vai tudo na nossa terra: e por isso é que estamos, há dois anos, a braços com uma guerra, que já estaria concluída, há muito, se as coisas não tivessem, desde o começo desta campanha, sido tão mal dirigidas pelos chamados políticos e diplomatas.

E sua indignação aumenta quando os “casacas” se servem de outros militares para atingir o Exército. O Marquês de Caxias escreveu a Osório, em 21 de junho de 1868:

Eu sei, meu amigo, que a opinião dos meus camaradas Generais não acober-

tam minha opinião e responsabilidade, que é toda minha, e que o que pensa a oposição, é em intrigar-me, para fins políticos, servindo-se até certo tempo do nome do Conde de Porto Alegre, e agora se quer servir do seu, julgando que assim nos desuniam (...). Creio, ao menos por minha parte, que perderá o seu tempo, porque eu antes de ser seu amigo estudei bem o seu caráter, e por isso descanso completamente no seu juízo; e demais estou aqui muito contra minha vontade e interesses, e se sonhasse só que V. Exa. não estava, como está, servindo comigo da melhor vontade que lhe é possível, a vingança que tinha a tomar era retirar-me imediatamente, entregando-lhe o comando do Exército. Porém, estou já muito velho e traquejado nestas intrigas da Corte, e sei bem como elas se manobram, talvez melhor do que aqueles que as movem contra mim.

Outra marca expressiva de sua personalidade é o amor à lei e a ordem, que o motivaram a repreender Diogo Feijó nos seguintes termos:

Não é com as armas na mão, Exmo. Sr., que se dirigem súplicas ao monarca, e nem com elas empunhadas admitirei a menor das condições que V. Exa. propõe na referida carta.

Mas certamente o traço mais representativo do seu ser é aquele que levou seu título nobiliárquico ao jargão popular e a verbete dos dicionários: sua probidade, corre-

ção de atitudes, seu rigor em prol do interesse público.

Em 6 de junho de 1867, o Marquês de Caxias escreveu de Tuiuti:

(...) mas, é preciso que as compras sejam feitas com legalidade e economia, pagos os cavalos depois de serem entregues, pois assim tenho feito todos os contratos por este lado: do contrário ficaremos sem o dinheiro e os cavalos, como muitas vezes acontece.

E novamente, em 25 de junho de 1867:

De bestas, e mesmo de bois para as carretas é que ainda tenho falta; porque, tendo comprado três mil e seiscentos bois gordos, e entregado ao Capitão Cruz, para cuidar deles na internada, agora só apresenta uns duzentos em regular estado, e diz que os outros morreram (com couro e tudo) e nem ao menos deixaram as marcas; pelo que o mandei prender, a fim de responder a conselho de guerra.

Infelizmente, não lhe faltaram decepções. Da Tijuca escreveu, em 14 de abril de 1869:

Já estou safo do Comando do Exército, como já disse, e hoje toda a minha estratégia será empregada em me livrar de alguma pasta, do que tive sempre mais medo do que das baterias de López, apesar de que tenho pena que o pobre Exército vá ser no fim da guerra espatifado por algum casaca que não saiba dar merecimento a quem o tem (...) mandando

plantar batatas aos chefes de hospitais, carcereiros de presigangas, que estão muito quietinhos a espera que se acabe o perigo, para se encaixar nos comandos de corpos que nunca se lhes confiou para irem com eles aos combates. Mas, mesmo de fora, eu hei de por-lhes as calvas à mostra, a fim de os fazer deixar a vida militar para a qual não nasceram.

Na mesma época (21 de maio de 1869), tentou convencer Osório a não voltar ferido ao Paraguai, deixando escapar um desabafo:

Pois V. Exa. perdoe que lhe diga: não conhece que nesse estado pouco ou nada poderá fazer, e que seu estado é muito melindroso? Lembre-se que é um pai de família, e que neste mundo, si V. Exa. perder sua vida, que já tantas vezes arriscou pela Pátria, quem há de realmente sentir a sua falta é sua família. Os amigos, meu camarada, não pensam senão no que lhes convém no momento, e depois quando muito, dizem que o Visconde do Herval era bom companheiro, mas que foi imprudente indo para a campanha sem estar em estado de poder com ela. E sua pobre família é quem o há de toda a vida o prantear... Estou lhe falando com o coração, e não com a cabeça.

E após tantas pelepas, tantos serviços, veio o Imperador, em 1875, exigir do septuagenário herói um último sacrifício:

Estou, minha cara filha, apesar de todos os meus protestos em contrário, outra vez Ministro da Guerra e Presidente

do Conselho. Você deve fazer idéia dos apuros em que me vi para cair nesta asneira e creia que quando me meti na sege para ir a S. Cristóvão a chamado do Imperador, ia firme em não aceitar; mas ele assim que me viu me abraçou e me disse que não me largava sem que lhe dissesse que aceitava o cargo de Ministro (...). Ponderei-lhe as minhas circunstâncias, a minha idade, e incapacidade. A nada cedeu. Para poder me livrar dele, era preciso empurrá-lo, e isso eu não devia fazer; abaixei a cabeça e disse que fizesse o que fizesse, pois eu tinha consciência que Ele se havia de arrepender, pois eu não seria ministro por muito tempo, porque morreria de trabalho e de desgostos, mas a nada atendeu, e disse-me que só fizesse o que pudesse, mas não o abandonasse, porque Ele então também nos abandonaria e se ia embora! Que fazer, minha Anicota, senão resignar-me a morrer no meu posto, e de mais, tendo já arriscado tantas vezes a minha vida por Ele, que mais uma, na idade em que estou, pouco era.

As cartas de Caxias são, por fim, uma fonte de angústia, dado que nos levam a perceber que ainda pouco sabemos sobre momentos importantes da nossa História como, por exemplo, as causas remotas da Guerra do Paraguai. E angústia pessoal, deste que vos fala, por vermos que os “casacas” não se foram e, diuturnamente, tratam com desprezo a Instituição que garantiu nossa independência, nossa unidade, nossa soberania e – se me permitem dizer – há quarenta anos atrás, a nossa liberdade.

